Fazenda Sant'anna, uma verdadeira fazenda experimental de Café

Profª Leila Alegrio Vilela

Augusto de Souza Brandão, nascido em Cantagalo, e formado em medicina, em sua vida exerceu vários cargos públicos, como coronel da guarda nacional, subdelegado, juiz de paz e vereador, sempre ligado ao partido liberal, além de fazendeiro. Contudo, foi na política da região que talvez mais lhe tenha oferecido prazer em atuar, e como não poderia deixar de ser vivia envolvido em grandes embates político, muitas vezes atacado pela oposição e defendido pelos seus pares.

Por ocasião de sua declaração para o registro paroquial de terras, exigida pela lei, em 1856, declara que possuía "uma porção de terras que levará 16 alqueires de planta de milho mais ou menos", localizado no lugar denominado ribeirão da Taquara. Fez ainda uma outra declaração na condição de "tutor dos menores filhos do finado João Baptista Lapér", que contava com "600 a 700 braças de testada com meia legoa de fundos". Interessante notar que os filhos menores do qual se declara tutor nada mais eram que seus enteados.

Nos livros de registro de casamento da matriz de Cantagalo, consta que em 1846, João Baptista Lapér, havia se casado com dona Francisca Candida de Gouveia, e foi com esta senhora já na condição de viúva que Augusto de Souza Brandão, veio a se casar. Do consórcio entre dona Francisca e Augusto nasceram apenas dois filhos, Augusto Junior e Honório. É bem provável que foi a partir deste enlace que Augusto tenha começado a desenvolver sua fazenda de café, que passou a dominar-se Sant'Anna, e é ainda curioso que o nome de Sant'Anna era o de uma fazenda vizinha as terras dos herdeiros do finado João Baptista Lapér, declarada por Modesto Alves Vieira em 1856.

O café trouxe-lhe riqueza, e era sempre generoso nos seus donativos como para a construção da Casa de Caridade de Cantagalo, e da igreja matriz, como noticiado no jornal *O Globo* de 1875, contribuindo com dez contos de réis.

Mas e o café? Talvez esta seja uma das partes mais interessantes na vida do médico, político e agricultor, que em 1881, enviou ao *Jornal do Agricultor*, uma carta onde descreve as suas experiências com algumas variedades de café que havia plantado em sua fazenda e assim ele relata o café *Maragojipe*, como sendo uma planta de rápido crescimento e frutificação, sendo os grãos de café de maiores proporções quando comparado aos outros ensaiados em sua fazenda como o *Java*, que embora tivesse muita aceitação na região, possuía frutos pequenos e tinha ainda o

Sede da Fazenda

CRÉDITOS: LEILA ALEGRIO VILELA

Engenho

inconveniente de não sustentar-se no pé depois de maduro, obrigando a uma colheita rápida sob pena de grandes prejuízos. O *Liberia*, que segundo sua opinião sofria muito com as baixas temperaturas, diminuindo a produção, o cafeeiro *Marta*, que designou como "um verdadeiro pigmeu da família", e que demorava a frutificar e para terminar ainda cita do café *Amarelo*, do qual ainda não podia tecer opinião, por ter sido recentemente plantado.

Foi justamente nesta data que começa o infortúnio de Augusto de Souza Brandão, quando ao Banco Predial, pede um empréstimo de quatrocentos e cinquenta contos de réis, dando a fazenda de Sant'Anna como garantia. Três anos mais tarde, ainda não podendo saldar a dívida contraída com o banco, e já tendo sido agraciado com o título de segundo barão de Cantagalo, faz um novo empréstimo a João Miranda & Companhia, de mais de duzentos e trinta e sete contos de réis. Nesta escritura, a descrição da fazenda surpreende, não só pelas suas dimensões com uma superfície de vinte e um milhões setecentos e oitenta mil metros quadrados, um milhão e quinhentos mil pés de café e duzentos e noventa e cinco escravos. Impressiona ainda a descrição de todos os edifícios e máquinas usadas para o beneficiamento do café, que poderia ser considerado como dos mais modernos para a época.

O destino da família Souza Brandão apresenta uma lacuna na nossa historiografia, sabe-se que a baronesa de Cantagalo, veio a falecer em 1889, no entanto, o falecimento do barão é registrado pelos genealogistas em uma data provável entre 1889 e 1900, quanto aos dois filhos do casal, Augusto tornou-se médico como o pai, e Honorio, sabe-se que também foi fazendeiro, negociante e capitalista no Rio de Janeiro. Quanto aos filhos do primeiro casamento da senhora baronesa, existe o registro de batismo de um filho de nome João feito em 1848.

Já a fazenda de Sant'Anna, em 1900, foi a leilão em praça pública, e arrematada pela firma Monnerat, Lutterbach & Cia, firma situada no Rio de Janeiro, que atuava como comissário e ensaque de café, que tinha entre os sócios alguns membros das famílias Monnerat e Lutterbach como: José Monnerat, José Constancio Monnnerat Sebastião Monnerat Lutterbach, Antonio Luterbach e o Dr. José Antonio Lutterbach, e outros pequenos associados. A fazenda de alguma forma passa as mãos de Sebastião Monnerat Lutterbach, que embora continuasse com a plantação de café transformou a fazenda parte em produção de cereais e criação de gado leiteiro da raça Guzerat. A fazenda mantem-se na família de Sebastião sendo atualmente propriedade de um de seus bisnetos.